

de patriotismo e civismo do povo goiano, nobre estirpe dos Bandeirantes.

Era o que tinha a dizer. (*Muito bem.*)

O SR. AUREO MELO — (*Para uma comunicação*) * — Sr. Presidente, Srs. Deputados, o "Correio Braziliense", órgão associado que se edita na Capital da República, trouxe hoje oportuno comentário a respeito de notas e sueltos divulgados no Rio de Janeiro a propósito da mudança da Capital para o Estado da Guanabara, que tenho a honra de representar nesta Casa.

Não representam evidentemente aqueles que advogam a causa do retorno da Capital para o Estado da Guanabara o pensamento verdadeiro do povo carioca. Não representam porque, realmente, o povo generoso e nobre do Rio de Janeiro, aqueles que habitam as margens da Baía da Guanabara, que vivem sofrendo nos morros e que lutam nas cidades, têm em seu coração e na sua inteligência largueza suficiente para compreender que não só o Rio de Janeiro é o Brasil, e, conseqüentemente, a Capital da República precisa ficar não apenas a serviço dos cariocas, mas de todo o povo brasileiro, de todos os habitantes dos vários recantos da Federação, que precisam estar mais próximos do Poder público, que se deve concentrar no coração do Brasil, no centro geográfico desta Pátria imensa, facilmente alcançado por aqueles que vivem em todos os Estados que formam a periferia deste grande coração.

Os amazonenses, os goianos, os mineiros, os gaúchos, os cariocas, todos temos que convergir para Brasília, porque Brasília está mais próxima de todos nós. Não seria o povo carioca que iria fazer seu um pensamento egoístico ou uma idéia retrógrada em relação a nosso País.

Brasília é hoje uma realidade. Eu, que há três anos não tinha ensejo de visitá-la, surpreendi-me agradavelmente com ela, em que pese a certo descaso quanto a seu

progresso e edificação. Surpreendi-me agradavelmente, repito por ver que Brasília, hoje mais que ontem e amanhã provavelmente mais que hoje, apresenta e apresentará condições de vivência, de existência física, política, social e demográfica, para que nossa população e nosso País possam definitivamente lucrar com isto.

Sr. Presidente, o pensamento dos cariocas é este, através de um dos seus representantes. (*Muito bem.*)

O SR. JOSÉ CRUCLANO — (*Lê a seguinte comunicação*) — Sr. Presidente, a tristeza que o nobre Deputado Nelson Carneiro, em seu corajoso e belo discurso de ontem, dizia transparecer do semblante de cada um dos senhores congressistas, talvez hoje tenha esmaecido, depois que se leu na íntegra a oração com que o ilustre Ministro da Guerra, no Gabinete da Presidência da Câmara, agradeceu as homenagens prestadas pelos representantes do povo às gloriosas Forças Armadas do País.

Que disse o bravo Ministro da Guerra?

"Não só para evitar que o País descambasse para a comunização, que se tornava evidente, quase total, como também porque a revolução tomou um caráter de espontaneidade nacional, pois o povo, mais do que as Forças Armadas, foi quem a fez, queremos acentuar que as Forças Armadas estão decididas a manter essa disposição do povo brasileiro. Claro que para isso não podemos dispensar justamente essa solidariedade que nos emprestou, porque reconhecemos sempre no Congresso, mas Congresso como entidade, a sua qualidade de representante legítimo do povo. Quero confessar-lhes que jamais nos passou pela cabeça ou pelo espírito qualquer sentido de agressão ao Congresso. E por quê? Porque o Congresso também era um agredido".

O que se temia — sejamos francos, principalmente ontem, quando as folhas diárias divulgaram novas listas que as sucessivas cassações

* Não foi revisto pelo orador.